

A REDAÇÃO DO VESTIBULAR E A CONSTRUÇÃO DE UM ETHOS DISCURSIVO APOIADO NO HIPERENUNCIADOR JORNALISTA

Gislane Kátia TESSAROLO – AUTORA - MESTRANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA –UFG
gikates@bol.com.br

Eliane Marquez da Fonseca FERNANDES – ORIENTADORA - PROFESSORA
DOUTORA DA FACULDADE DE LETRAS DA UFG
elianemarquez@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Vestibular. Cena de enunciação. Ethos. Hiperenunciador.

INTRODUÇÃO:

Este trabalho busca compreender como o aluno constrói um ethos discursivo alheio dentro de uma determinada cena de enunciação. A cena de enunciação em questão é a prova de redação no vestibular.

O vestibular, ou exame vestibular, é o processo seletivo utilizado pelas universidades para selecionar os alunos que ingressarão em seus cursos de graduação. Neste processo o aluno faz prova de todas as disciplinas estudadas no ensino médio e a seleção se dá por classificação das notas dos candidatos.

A redação é parte da última etapa do exame vestibular e é muito importante para o candidato conseguir produzir um bom texto. Porém muitas vezes lhe é exigido que produza um texto em que precisa se passar por outra pessoa, precisa assumir um outro discurso. Analisamos então uma dessas situações para descobrir como o aluno realiza esta tarefa. Utilizamos os conceitos de cena de enunciação, ethos e hiperenunciador para esclarecer melhor este processo através da análise de quatro redações.

A análise identifica marcas linguísticas e discursivas que possibilitam ou que impedem que os candidatos consigam construir o ethos requerido pela cena enunciativa. O ethos em questão se refere ao ethos de um repórter, por isso apresentam-se as características do hiperenunciador jornalista e do gênero reportagem. A seguir fazem-se algumas considerações sobre a análise em questão.

MATERIAIS E MÉTODOS

As redações analisadas neste artigo foram produzidas no processo seletivo 2010/01. A proposta em questão pede o simulacro de uma situação em que o aluno é um repórter e é convidado a escrever uma reportagem sobre o tema: *Pânico Moral*: estratégia para a promoção da qualidade de vida das pessoas e/ou forma de

manipulação da sociedade? O texto deverá ser direcionado aos leitores de um jornal que publicou uma notícia sobre o fim do mundo e que causou grande repercussão. Tal proposta exige do aluno que ele se posicione como um repórter, ou seja, esta proposta pede a construção do ethos discursivo que não é a do próprio locutor, mas sim de um "fiador" que deve ser construído pelo enunciador/aluno em seu texto e que convença o seu interlocutor. Este fiador deverá ser um repórter e para tanto o aluno precisa saber construir um discurso que convença como tal.

Para identificar se o aluno consegue realizar a tarefa proposta pela prova de redação do vestibular nos guiamos pelo paradigma qualitativo tendo em vista que procuramos compreender como se dá um processo – o processo de construção do simulacro proposto na prova do vestibular por parte de alguns candidatos - Segundo Ludke e André (1986), na pesquisa qualitativa a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador é investigar como determinado problema se manifesta em determinada situação. (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 12).

Por se tratar de redações do vestibular, o método de coleta e análise de dados a ser utilizado nesta pesquisa é o da análise documental. A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. A análise em questão se dá pela observação, descrição, anotações e pesquisa teórica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste trabalho, utilizamos o conceito de cena de enunciação proposto por Maingueneau. Para tanto, consideramos o aluno/candidato como o locutor/escritor e a banca examinadora das provas de redação como destinatário, ambos inseridos na cena de enunciação real. Essa cena de enunciação é que possibilita a produção textual do aluno. Na cena de enunciação, consideramos os papéis reais exercidos por locutor e destinatário, ou seja, o locutor/aluno precisa produzir um texto que seja considerado adequado pela banca examinadora para que seja aprovado no vestibular.

O sucesso do candidato na prova de redação dependerá da sua atuação discursiva no sentido de contruir uma cenografia coerente com a cena genérica e com a cena englobante exigida pela cena enunciativa. Em outras palavras, o candidato deverá fazer com que o "todo de seu discurso" consiga estabelecer uma

enunciação condizente com o discurso de um repórter que consegue apresentar com eficiência o tema proposto. Para tanto, ele precisa construir um *ethos* de um repórter através do seu discurso.

Na Análise do discurso, o termo *ethos* está ligado à imagem que é construída pelo co-enunciador sobre a pessoa do enunciador no momento da enunciação. Essa imagem permite ao leitor a definição de uma corporalidade do enunciador. Maingueneau (2005) afirma que "não existe um *ethos* preestabelecido, mas sim um *ethos* construído no âmbito da atividade discursiva". Assim, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso.

Percebe-se que não há como dissociar *ethos* de discurso, pois o *ethos* é como uma sombra que vai tomando forma a cada movimento da atividade enunciativa, para enfim se instaurar como imagem daquele que enuncia.

Dentro desta perspectiva de Maingueneau, podemos considerar o texto jornalístico, esse estatuto que Maingueneau chama de cena englobante e que se refere a um determinado tipo de texto que pode abranger variados gêneros como sendo a cena englobante da proposta e o gênero solicitado pela prova de redação: o gênero reportagem, como sendo a cena genérica.

Cabem aqui algumas perguntas: como o aluno constrói esse *ethos* discursivo do jornalista/repórter? Onde o aluno busca as informações necessárias para realizar essa tarefa? O aluno consegue se desvencilhar de seu *ethos* discursivo nesse momento e legitimar o discurso do jornalista?

É aqui que acionamos um conceito reformulado por Maingueneau que acreditamos poder auxiliar no ensino da produção textual: o conceito de hiperenunciador. Em nossa opinião, esse conceito pode ser muito útil ao aluno/candidato no momento de contruir o discurso do simulacro. Esse conceito trata desse caráter instituído em alguns campos discursivos, como o campo jurídico, que cria uma voz representativa de determinada classe, ou categoria. Assim, quando um enunciador evoca determinados trechos, ou modos de dizer, está evocando e ancorando o seu discurso em uma instância maior, já reconhecida pela sociedade: o *hiperenunciador*.

Tentamos, de alguma forma, transpor esse conceito para a área jornalística por acreditarmos que é perfeitamente possível a existência de um hiperenunciador jornalista no qual o aluno pode se apoiar no momento da construção de seu

discurso. Isso porque já existe uma imagem socialmente construída do ser jornalista e um *tom discursivo* que remete ao discurso jornalístico. Segundo Maingueneau (2008, p. 98), [...] "o enunciador invoca um hiperenunciador, outra instância não nomeada [...] reconhecida pelos seus interlocutores, membros da mesma comunidade de experiência".

Após essa breve análise das redações, podemos perceber que os candidatos ao tentarem construir a imagem (ethos) do jornalista dentro da proposta da cena enunciativa, devem estar atentos à cena englobante, à cena genérica e à cenografia, para saber se colocar como enunciador em cada situação: a real e a simulada. O candidato não deixa de ser candidato mas precisa assumir um outro papel sem se esquecer de utilizar algumas marcas características do hiperenunciador jornalista. Essas marcas já cristalizadas se referem a recursos linguísticos, mas principalmente ao "modo de dizer" dos jornalistas.

Em sala de aula o professor ao utilizar o conceito de hiperenunciador, que pode representar várias instâncias de enunciação, leva o aluno a compreender que existe algo maior que valida e dá credibilidade a determinados discursos, um sujeito universal que pode ser referência para o candidato no momento da produção textual.

Compreendemos também que somente se apoiar nesse hiperenunciador jornalista não garante a construção do ethos. O candidato precisa estar ciente de que deve contruir um discurso coerente com a proposta do tema, articulando adequadamente as vozes que darão sustentação e consistência ao mesmo. Outro aspecto importante que deve ser observado na estruturação do texto jornalístico é a utilização da norma padrão da língua, pois esse também é um dos aspectos que constroem a imagem do jornalista.

REFERÊNCIAS:

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso. A construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio: Michael MEYER. Introdução, notas e tradução do grego: I. B. B. FONSECA. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: um exemplo de aplicação da metodologia sócioretórica. In: CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Org.). *Gêneros textuais: teoria e prática*. Londrina: Moriá, 2004.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Tradução: Fabiana Komesu São Paulo: Contexto, 2004.

FARIA, M. A. de O. e ZANCHETTA, J. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual de Redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2001.

CAVALCANTI, J. R. *No "mundo dos jornalistas" : interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros*. 2006. 200f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, São Paulo, 2006.

LAGE, N. *Estrutura da notícia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, D. *Gênese do discurso*. Tradução: Sírio Possenti Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____, D. *Cenas da enunciação*. Org. Cecília Souza-e-Silva e Sírio Possenti. Tradução: Cecília Souza-e-Silva; Sírio Possenti 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

SODRÉ, M.e FERRARI, M. H. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 5. ed. V. 14. São Paulo: Summus, 1986.